

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE JULHO DE 1909

N.º 251



Dr. Afonso Pena

Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

† a 14 de junho de 1909

Dr. Affonso Penna

De Hintze Ribeiro dizia Fontes: «quando elle está no governo estou eu descansado.»

De Affonso Penna dizia o conselheiro Saraiva: «não pode haver um bom ministerio sem d'elle fazer parte o dr. Affonso Penna».

Taes elogios, na bocca de taes homens, são uma consagração. E' como se já fosse a Historia a consagrar aquelles que conquistaram um lugar de honra na administração do Estado.

As suas qualidades poderosas de estadista confirmou-as brilhantemente na Presidencia da Republica aquelle que como deputado em varias legislaturas e ministro em varios gabinetes havia prestado bons serviços ao imperio.

Na maturação da vida, cheio de aspirações de bem servir o seu paiz, enaltecido pela escolha do seu nome imposto por aquelle que o antecederá na mais alta magistratura da nação, o dr. Affonso Penna entregou-se de corpo e alma á honrosa missão para que o paiz o elegêra. E não quiz entrar no exercicio das suas funcções sem conhecer *de visu* os vastos estados do territorio brasileiro, sem ouvir as reclamações dos povos, sem conhecer as necessidades das regiões que visitava. A bordo de navios brasileiros, acompanhado de representantes de toda a imprensa, fez o presidente essa viagem que pode chamar-se patriótica porque apprehendeu pelos olhos e pelo espirito todos os elementos de que carecia o Brasil para a sua remodelação e para a sua prosperidade.

Toda a sua iniciativa, toda a parte brilhante da sua obra estadística, parte d'ahi. Acercou-se d'homens novos, secretarios d'estado de valor intellectual e politico, e com elles trabalhou afinadamente, tendo todos por objectivo o progresso e a grandeza da patria.

E' o pensamento indivizível que presidiu a todos os seus actos. Na sua presidencia, ampliam-se e alargam-se todos os serviços que correm pelas diversas pastas. O exercito e armada nacionaes são por tal fórma remodelados e aperfeiçoados, que estabelecem competencia com os mais adeantados da Europa. Construem-se cruzadores de grande tonelagem e *destroyers* do mais moderno typo, um dos quaes ainda ha pouco esteve fundeado no Tejo. Embelleza-se por fórma a fazer inveja ás mais bellas cidades do mundo a cidade do Rio de Janeiro.

Tomam rapido e largo incremento as linhas ferreas. Inaugura-se a linha dos estados do sul até ao Rio Grande, e todo este impulso, dado por elle á viação publica, leva o povo a dar-lhe o cognome de Presidente das Vias Ferreas.

O que porém lhe conquista mais vasta e justa popularidade é a poderosa iniciativa, a mascula energia que poz ao serviço d'esta ideia, d'este projecto grandioso: a commemoração do centenario da abertura dos portos do Brasil ao commercio mundial. Ordenára-a D. João VI, e o Presidente da Republica Affonso Penna nutrirá o desejo invencível de que o Rei de Portugal, descendente d'aquelle que tão assignalado serviço prestára ao Brasil, inaugurasse em pessoa, ao seu lado, as festas publicas, para que as duas nações irmãs pelo sangue, representadas pelos seus chefes de estado, mostrassem ao mundo que as dominára a mesma ideia de paz, de prosperidade e de grandeza. A inauguração de uma Exposição Nacional em que Portugal tinha um lugar de honra era a coroação d'essa ideia, era o abraço fraterno dado entre os dois paizes.

O Destino terrível impediu a realisação da parte mais ambicionada deste projecto: — ao inaugurar a Exposição do Rio de Janeiro, o Presidente dos Estados-Unidos do Brasil não teve ao seu lado o Rei de Portugal, cujo lutuoso panegyrico foi obrigado a fazer com as lagrimas nos olhos deante de brasileiros e portuguezes. Para conquistar a nossa eterna gratidão este facto bastava. Sagrada para portuguezes ficará para todo o sempre a memoria do inclito cidadão que amou Portugal como a sua propria patria.

Visita do Senhor D. Manuel ao Regimento de Caçadores n.º 2



(Cliché de J. Benoitel).

El-Rei em grupo com os officiaes

Uma sessão historica na Academia Real das Sciencias

O elogio academico de El-Rei D. Carlos

REVESTIU um grande brilho e um alto valor historico a sessão que se realisou em 20 do mez findo na Academia Real das Sciencias a fim de ser pronunciado o elogio academico de El-Rei D. Carlos.

O *Brasil-Portugal* cumpre a todos os respeitos um dever archivando nas suas paginas os seguintes periodos da magnifica oração lida pelo sr. Alberto Girard a quem foi confiado o honroso encargo de fazer o elogio do fallecido monarcha:

«E' a primeira homenagem que presto á sua memoria; é, como se, n'este recinto, continuasse o seu desejo. Despia a sua realza á porta da Academia, para revestir duas outras, não menos nobres,

posição universal de Paris, na Sociedade Nacional de Bellas Artes, na exposição universal de S. Luiz, na de Bellas Artes de Barcelona, e ainda, ha bem pouco, na Société Artistique des Amateurs.

E' que elle tinha a expontaneidade do artista de raça, que n'um traço a lapis affirma a sua individualidade.

Como homem de sciencia: estou a ver as exposições oceanograficas: a 1.ª na Escola Polytechnica, á qual tantos acudiram, com louvor geral, a observar o resultado do seu trabalho de um anno; e deixando as outras de Lisboa e Porto, chego á de Milão, visitada e apreciada pelas primeiros naturalistas do mundo. Vejo-me a cumprir a sua ordem e a dizer ao jury:

— El-rei deseja estar fóra do concurso.

N'esta sala está um diplomata illustre, que representa uma nação amiga, e que sabe qual foi a resposta d'esse jury:

«— Para qué? pois se a el-rei D. Carlos pertencem de direito os primeiros premios.»

Estou na cidadella de Cascaes, á noite, levando ao sr. D. Carlos o telegramma noticiando os seus quatro Grand-Prix; e não a ver o soberano, mas o homem de sciencia, que recebe, com orgulho e profunda satisfação, a recompensa do seu talento, da sua perseverança e do seu trabalho; e estou ainda a acompanhar a comissão execu-

Uma sessão historica na Academia Real das Sciencias



(Cliché de J. Benollel).

O elogio academico de El-Rei D. Carlos

com que se ufanava; a da arte e a da sciencia: na arte era Carlos, e na sciencia D. Carlos de Bragança.

E' esta a physionomia do nosso saudoso presidente que pertence a esta Academia; o politico é da historia, e essa o julgará, no seu longo e agitado reinado, com essa imparcialidade que pertence aos seculos futuros, quando novas gerações existem e se ha perdido o agitar das paixões politicas; mas o que a Historia ha de dizer, e desde já lhe posso prognosticar, é que ha de lamentar que tão cedo e tão tragicamente se apagassem uma tão brilhante personalidade.

Estou a vê-la: — Magestosa figura, voz insinuante, olhos em que brilhava a intelligencia, memoria inexcedivel, erudição pouco vulgar, conhecimento perfeito de muitas linguas, affabilidade completa do trato. Eis D. Carlos de Bragança, uma figura da nação.

Assim posto, e outro não me pertenceria, o elogio de D. Carlos está feito; era uma individualidade e deixou uma obra; uma obra de artista e outra de homem de sciencia. Basta-me recordal-as.

Como artista estou a vêr os seus pastéis, as suas aguarellas, os seus desenhos á penna, as suas gravuras, as reproduções d'essas obras que tantas revistas nacionaes e estrangeiras illustraram; a facilidade da sua maneira, a profusão do seu pincel, por tal fórma espalhado que difficil seria, senão impossivel, reunir toda a sua obra; os seus sucessos nas exposições do Gremio Artístico, na ultima ex-

tiva dessa exposição trazendo a Lisboa os premios que a D. Carlos de Bragança tinham sido conferidos.

Entro, agora, na Sociedade de Oceanographia da Golpho de Gasconha e leio o distico de uma sala — Sala Charles I. — Estou parado defronte da imponente fachada do Museu do Principe de Monaco e vejo esculpido no marmore as suas explorações, entre as explorações mais notaveis, e recordo-me, com saudade, da sala do Aquario de Milão, aonde estou lendo a lapide — Sala D. Carlos I Re di Portugallo.

Estou a reler a correspondencia scientifica d'esse egregio principe de Monaco com D. Carlos de Bragança, o que me foi permitido por especial benevolencia de sua magestade a rainha, e a ver a deferencia e o respeito, pela opinião do nosso presidente, professada por tão illustre homem de sciencia.

Estou agora acompanhando D. Carlos, durante 15 annos, na elaboração da sua obra scientifica, e a ver as suas duvidas em avançar uma opinião e a perfeita probidade das suas obras; o successo com que todas foram coroadas, quer na ornithologia, quer na oceanographia, quer a mais arrojada d'estas, sobre a marcha do atum na costa do Algarve, mas que no emtanto motivou, no congresso internacional de agricultura e de pesca, realisado em Paris em 1900, um voto para ser continuado tão valioso estudo.

Estou a reler o brilhante discurso scientifico de D. Carlos, na memoravel sessão que o Museu de Paris lhe consagrou em 1905, na qual aquella sábia corporação reuniu, em homenagem unica, o que de mais scintillante havia na sciencia franceza, e, pela bocca de sa-

bios como Perrier, Becquerel, madame Curie, Lippmann, Lacroix e Moissan, expoz o que de mais moderno, util e interessante havia na sciencia, com a certeza de que o rei de Portugal o comprehendia.

Estou a ouvir o seu discurso na inauguração do Congresso internacional de medicina em Lisboa, e a sentir a impressão que, pelo ponderado e perfeição do dizer na lingua franceza, causou no mundo scientifico, e ainda o artigo de sir Clements Markham no *Geographical Journal*, acerca da sua obra scientifica, e o *Illustrated London News*, que reproduzindo estampas d'ella, accrescenta: «que o rei Carlos, visitando o Museu de historia natural de Londres, havia quatro annos, impressionou pelo seu extraordinario saber o professor Rey Lancaster.»

E passando muito, e até o discurso que pronunciou, na Academia Real das Sciencias de Madrid, o sabio academico D. Francisco de Arrillaga, em que presta homenagem aos serviços á sciencia de Barbosa du Bocage, Nery Delgado e D. Carlos, os mortos associados da nação amiga, chego e fico, como expressão frisante, no discurso pronunciado pelo professor Edmond Perrier, no funeral de Henri Becquerel, e no qual aquelle sabio academico faz uma associação de nomes, que é a coroação scientifica de D. Carlos de Bragança.

Disse:

«Dans le banquet de conférences qu'en 1905 le muséum offrit à un de ses grands amis, le roi de Portugal, celle d'Henri Becquerel était des plus attendues. Hélas! des noms inscrits au tableau de cette journée mémorable, tout à la gloire de la science française positive, dont le muséum fut l'initiateur, quatre ont déjà disparu: Moissan, Curie, Becquerel sont morts, et le roi Carlos lui-même est tombé dans une sanglante tragédie.»

Todas estas manifestações de apreço não se fazem só por ter a testa coroadada, e eis porque, em resumo, quando, com a rapidez com que a civilização moderna tudo propaga, o mundo da sciencia e o da arte, que é internacional, teve conhecimento da morte de D. Carlos, todo se commoveu, todo lhe teceu louvores, e todo lastimou o seu prematuro e tragico fim; tinha perdido uma das suas brilhantes figuras.

Quando, qualquer que seja a sua posição social, um homem illustra o seu nome pela sua intelligencia e pelo seu saber, e não só se torna notavel entre os seus concidadãos, mas o seu prestigio e a sua fama passam além das fronteiras, deixa de pertencer a si, pertence á sua patria.

A Historia, imparcial no seu juizo, ha de tomar um dia em conta, no balanço da vida do Senhor D. Carlos o lustre que elle lançou, como artista e homem de sciencia, sobre a patria portugueza.»

Occupação exclusiva das arvores

Um medico inglez passeava com Hamilton, n'um jardim, e es-pantava-se do crescimento que notava nas arvores.

— Não se admire, doutor... se ellas não teem mais que fazer...

Admiravel sangue-frio ao pé d'um incendio

Na occasião d'um terrivel incendio de Hamburgo, um inglez escrevia n'uma casa que já estava cercada pelas chammas: *Que espectáculo! Que posição tão horrorosa! Trinta e seis horas sem fazer a barba! Doze horas sem comer!*



Uma sessão historica na Academia Real das Sciencias
A Rainha Senhora D. Amelia sahindo da Academia

(Cliché de J. Benolle).

Um cavallo curto

Um janota, amigo dos prazeres, como o são todos, foi, na manhã de um dos proximos passados dias, alugar um cavallo para ir de tarde passear a Bellas, e deixou de signal metade do aluguel.

Ao sair de casa do alquilador, encontrou um amigo, que lhe disse:

— Ia agora a tua casa convidar-te para passearmos esta tarde com Marianno e Eduardo n'um caleche que alugámos ao Peres.



Uma sessão historica na Academia Real das Sciencias
O Senhor D. Manuel sahindo do edificio da Academia

— Com mil demonios, disse o janota, agora mesmo acabo tambem de alugar um cavallo para ir a Bellas esta tarde... se eu pudesse retirar o signal... ocorre-me uma idéa; vamos a casa do alquilador.

Effectivamente puzeram-se a caminho para casa do dono do cavallo, e o janota disse-lhe:

— Vossemecê faz favor de me mostrar outra vez o cavallo que lhe aluguei?

— Com muito gosto, meu senhor, Eil-o alli está.

— Ora não sabe que o cavallo é muito curto?

— O que diz o senhor? que o cavallo é curto?

— Assim é, lhe respondeu o janota; e dirigindo-se ao amigo, e apontando para o cavallo, disse: — Este é o teu logar, aquelle o meu, est'outro o de Marianno... mas onde se ha-de collocar o Eduardo? E todavia elle tem de nos acompanhar.

— Mas o que está o senhor ahí a dizer? Pois hão de montar quatro individuos no meu cavallo?

— Sim, senhor.

— Ah! pois então tome o senhor o dinheiro, que me deu de signal, e vá procurar cavallo a outra parte, porque eu não alugo os meus para que os rebentem!...

ANECDOTAS

Uma creança quebrou um vidro, na escola, e tremia com medo de que o mestre perguntasse quem havia sido o culpado d'aquelle desastre. Veio o mestre e começou a lição. Quando chegou a vez da pobre creança, que estava aterrada com receio de que descobrissem o seu crime, perguntou-lhe o mestre: — Quem fez o céu e a terra? — *Não fui eu*, respondeu o pequeno, preocupado sempre com a idéa do que havia feito.

Fala-se d'um caloteiro incorrigivel:

— Afinal entregou a alma a Deus

— É verdade. Tambem foi a unica cousa que elle entregou em toda a vida.

Em Cascaes:

— Que diabo de pasmaceira é essa? Estás ahí embasbacado a olhar para o mar!

— E' que minha mulher mergulhou e ainda não appareceu.

— Ha muito tempo?

— Não; ha cousa de duas horas.

D. Domitilla de Carvalho

Estamos em presença de uma poderosa intellectualidade feminina, e diríamos até, da mais alta intellectualidade de mulher portugueza, se não receássemos fazer duas offensas graves: a primeira a ella propria, á sua modestia que tem por simile o seu valor, a segunda a todas aquellas senhoras conhecidas por esta rubrica: *as nossas intellectuaes*, cada uma das quaes se julga ser a primeira. Não ha muito ainda que ellas se constituiram em numero de 14, não sabemos para que propaganda litterario-artística, e só ahi uma coisa nos surpreendeu: que esse numero fosse tão reduzido, que se não representassem *in magna quantitate* todas as intellectuaes portuguezas. Com isso perdeu o feminismo berrante e a utilitaria estatística.

A senhora illustre de que nos estamos occupando passou a sua mocidade em Coimbra, cursou a Universidade, formou-se em tres faculdades, profundou o vasto mundo das sciencias naturaes, obteve formatura em medicina, em mathematica e em philosophia, em todas

na batalha da vida. Não fala de si, fala dos outros, e ainda ahi a sua bondade, que é a suprema feição do seu espirito, se revela, porque fala d'elles — e ás vezes d'ellas — para os defender se os presente accusados, e se a culpa é manifesta, para os absolver com a abnegação da misericordia christã, ou para os justificar com solidos argumentos de natureza scientifica. N'esses momentos a mulher de sciencia apparece, não para deslumbrar, não para *épater*, mas para fazer vingar e prevalecer o mais nobre attributo da bondade humana.

Todos os traços que constituem um caracter, que definem uma personalidade, da qual se honraria um homem illustre entre os mais illustres, estão aqui? Alguns faltam e de subida importancia. E esses não se apprehendem sem ler, mais com o coração do que com os olhos, esse livro sahido agora do prelo e que tem apenas por titulo *Versos* — modesto e simples como o nome que os subscrive: Domitilla de Carvalho.

Lemos essas 120 paginas, repassadas todas ellas de um sentimento que poderíamos chamar camoneano, porque muitos d'esses versos podia firma-los o maior poeta da lingua portugueza, notamos a impeccabilidade da fórma, a ausencia de adjectivos inuteis que os vates modernos empregam como bordões, a espontaneidade da expressão poetica, a facilidade da rima, a exuberancia de pensamento, e perguntamos a nós mesmos como é que do fundo gelado da sciencia



D. Domitilla de Carvalho

ellas disputou galhardamente e obteve sem favor *accessits* e os primeiros premios, em tantas legiões academicas formou sempre na vanguarda militante, sem que uma nodosa manchasse a sua immaculada pureza de mulher, deixou a Universidade sem que qualquer sombra de tão justificado orgulho lhe toldasse a clara visão das cousas, e, d'ahi em diante, que tem sido até hoje a sua existencia modelar? Clinica, consagrou aos tuberculosos todos os recursos da sua sciencia, e, mais do que isso, todos os affectos do seu coração, altruista como ninguem; á frente de um lyceu de creanças, do qual é o *sr. reitor*, seria necessario ver de perto a sua maneira suggestiva de educar, de attrahir, de familiarisar o professor com as alumnas, de encontrar os mais suaves, os mais persuasivos, os mais efficazes meios de lançar no espirito das creanças todos os conhecimentos rudimentares, para se poder apreciar em toda a sua esphera a elevação moral, a grandeza feminina d'esta admiravel creatura.

E' o bastante? Ainda não. E' preciso conviver um pouco, passar algumas horas na sua atmosphera espirital, encontrá-la na sociedade distincta que se honra de a contar entre as suas relações, e durante um jantar, ou uma recepção, observá-la, ouvi-la, não perder um dos seus gestos nem uma das suas palavras, para só então adquirir a certeza de que ainda existe a modestia, como virtude nativa, como realce de qualidades superiores, e não como *pose* artificial, ou affectação impertinente que no primeiro ensejo se desmascara. Ella que, comparando-se, tanto podia falar de si, parece timbrar, por um natural melindre de não affectar os outros, em occultar a sua individualidade, em deixar na sombra os louros conquistados

cia sahio illeso, tão cheio de seiva, tão rico de affectos, tão nobre, tão feminino, vibrando como uma sensitiva, este delicado, este immaculado coração de mulher!

E' preciso, é indispensavel, depois de conhecer a existencia trabalhosa e triumphante de D. Domitilla de Carvalho, ler este livro de versos, que outro poeta, Lopes Vieira, prefacia com elevação e verdade, e só depois se fará idéa segura e perfeita da alta personalidade da mulher de sciencia e da artista, que, sem rufos de tambor, sem cabotinismos, sem espalhafatos de *réclame*, tão alto ergueu o seu nome, de tanto fulgor encheu a sua obra!

POBRE MORTA!

I

Entrou na vida agreste e accidentada
— Revolto mar de lutas inconstantes —
Sem ter alguem, a pobre abandonada,
Que lhe guiasse os passos vacillantes.

Sem um raio de luz n'esta jornada,
Nem uns laços de amor cariciantes
Que a prendessem á vida n'uns instantes,
Por vezes quiz matar-se a desgraçada!

Mas hoje, quando a morte percorria
O seu corpo de cêra emagrecido,
Quando em gêlos de todo arrefecia,

Ella ergueu para mim os olhos baços
E sem força na voz, diz num gemido:
«Não me deixe morrer, dê-me os seus braços!»

II

Via-a depois, a pobresinha, fria,
Sobre a mesa de pedra revoltante
Em que o duro escalpelo principia
A dissecar, num gesto torturante.

E ella, que em vida tanto horror sentia
Pelo *theatro*, pobre morta errante,
Do repouso do tumulto distante,
Resignada parece que sorria.

Não me pôde esquecer a immensa dôr.
Um mixto de piedade e de terror,
Que senti ao fitá-la com esforço:

Labio roxo, cabello desgrenhado,
Mas sobretudo o *olhar!* o olhar parado,
Tenho-o cravado em mim, como um remorso!

Coimbra, 1903.



D. M. da Conceição Carvalho B. de Sousa

A ramilheteira cega

(De Bulwer Lytton)

À Ex.^{ma} Senhora D. M. da Conceição Carvalho B. de Sousa.

Quem me compra flôres?
Quem me compra flôres?

Com a aurora, ergui-me,
Colhi das melhores.
Por piedade, ouvi-me!
Quem me compra flôres?

Venho de longe e sou ceguinha;
Mas ensinou-se á pobrezinha
Que a Terra é linda; e, se assim é,
Filhas da Terra (é minha fé)
São, como a mãe,
Lindas também.

Do seio d'ella, humedecidas,
Isso sei eu que ainda veem,
Porque as colhi, ha breve espaço,
Adormecidas
No seu regaço,
Dormindo ao som do seu bafejo,
— Hálito suave, aéreo harpejo,
Que as embalava, de mansinho,
Num leve e brando murmurinho.

— Nos labios seus, mimoso beijo
Da terna mãe quêda-se ainda
Numa carícia, que não finda...
Trazem as pétalas molhadas
Das doces lágrimas choradas
Pela ternura d'essa mãe
(Porque ella... chora — ella, também).

SUPPLICA

Se o meu olhar assim te contraria
A procurar o teu de quando em quando,
Tira-me os olhos, meu amor, notando
Que eu não chego a sentir essa agonia.

Porque estás de tal forma dentro em mim,
Com tanto ardor minha alma te deseja,
Que, tirando-me os olhos, nem assim
Tu podes conseguir que te não veja.

Se te afflige que eu reze essa toada
Do teu nome, num rapido momento,
Faze calar a minha voz cansada:
Fala mais alto a voz do pensamento.

E se ainda mais castigos te merece
Esta louca tortura que me invade,
Corta-me tu as mãos sem piedade,
Quando p'ra ti as erga numa prece.

Mas pela dôr da Virgem junto á cruz,
Pelas chagas abertas em seu peito
Quando chorava um sonho ideal, desfeito,
Vendo morrer o pallido Jesus,

Pelo Bem que mais tenhas desejado,
Se ao menos a piedade t'o consente,
Deixa-me o coração desventurado
Para poder amar-te eternamente.

Domitilla de Carvalho.

Que, dia e noite, anda em cuidado,
No seu desvelo maternal,
O coração angustiado
Por visões pávidas do Mal,
Ao vêr crescer as tenras filhas,
— Frageis e lindas maravilhas!

Sim, ella chora, e de amor chora;
E são as lágrimas da aurora
O pranto seu — que aos olhos vem
Do fundo lá do amor de mãe!

Nesse mundo de luz em que habitaes,
O amante ao seu amado
Contempla, extasiado;
Mas o lar da ceguinha, ó vós que amaes!
Alberga em si a Noite e é povoado
Só de incorpóreos ais.

Tal como a dos eternos condemnados,
Da Graça despenhados,
A minha vida, lúgubre, se passa
A beira das torrentes
Da immutavel Desgraça.

São para mim vãs sombras os viventes.
Se vão passando, oiço um rumor de passos;
Se ficam, sinto o fôlego que exhalam;
Anceio vêr os que de amor me falam,
Estendo em roda os amorosos braços,
Mas — apenas apalpo... o impalpavel,
Um som sem corpo, ás mãos inalcançavel...

Quem me compra flôres?
Quem me compra flôres?
Ei-las que suspiram!...
Seus labios se abriam...
Escutae, senhores!
A supplicante voz
Elevam para vós:

— Murcham-se as folhas mimosas
Das tristes rosas

Ao respirar da ceguinha:
Já, nesse bafo, a morte se adivinha...
Filhas da luz, dotadas de ternura,
Faz-nos horror a solidão escura,
Não ha quem se condôa, quem se afoite
A livrar-nos das garras oppressivas
D'esta filha da Noite?

D'uma cega no cárcere captivas,
Suspirámos por olhos de videntes:

Somos, em demasia,
Festivas — para a treva,
Para a noite — ridentes,
Quem compra? Quem nos leva?

No vosso olhar vemos a luz do dia,
Soberbo de esplendores!

Ah! Levae-nos! Comprae as pobres flôres ..

M. DUARTE D'ALMEIDA.

A festa das fogaceiras na Villa da Feira



Na villa da Feira, a 20 de janeiro de cada anno, se celebra uma festividade cuja origem vem de uma grande epidemia que assolou Portugal.

Os habitantes da Terra da Feira, nobres e plebeus, atterrados pela enorme desgraça, que viam estender-se pelo paiz, d'um modo tão assustador, imploravam o auxilio divino.

No archivo da camara municipal da Feira o excellentissimo senhor conselheiro Joaquim d'Almeida Correa Leal, encontrou registado o seguinte alvará que mostra ser antiga esta festividade: «Eu Infante D. Pedro Faço saber aos que este Meu Alvará virem que sendo-Me presente em Consulta da junta das Justicas do Meu Estado do Infantado, hum requerimento que Me fizeram os officiaes da Camara da Villa da Feira, expondo-Me que de tempo immemorial sempre se fazia na mesma Villa uma Festa e Procissão solemne com tres fogações a S. Sebastião e que nesta devoção experimentavam os Povos da mesma Villa e Termo aplacação nas doenças e contagios; e porque a despeza andava por sortes entre algumas pessoas primeiras da terra succedeu morrerem humas e ausentarem-se seus antecessores a requerer se fizesse, porque á mesma pertencia por certo voto os quaes assignaram, e tambem os Supplicantes continuarão em o fazer com a devida solemnidade; mas como se costuma dispender trinta mil reis Me pediam Mercê de conceder-lhe facultade por Alvará Meu para a dita despeza se pagar pelos rendimentos da Camara e Concelho das duas partes dos mesmos rendimentos. Ordenando que a Camara constitue em fazel-a sempre dando-lhe com culpa a falta de continuação, na qual supplica foi ouvido o Procurador do Estado do Infantado.

Hei por bem e Ordeno que a despeza feita na dita festa e procissão de S. Sebastião pelos Officiaes da Camara da Villa da Feira, em que se dispenderão trinta mil reis em cada um anno, será satisfeita pelos rendimentos da Camara sobredita salva a terça Real, e que assim se continue d'aqui em diante para sempre pelos officiaes d'ella successivos.

Dado em Lisboa, em os 30 de julho de 1753.

Infante D. Pedro.

Esta noticia simples, de que nos occupamos, não se presta a referencias largas a respeito do que sobre fogações ha escripto, por isso nos limitamos a dizer que as fogações, alludidas, são umas *borras*, feitas de farinha de trigo, amassada com gemmas de ovos e assucar.

A camara Municipal é que manda celebrar esta festa, sendo as fogaceiras, em numero de trinta e quatro, apresentadas, seis pelo presidente, quatro por cada vereador e as restantes pelo seu secretario, juiz de direito da comarca delegado do Procurador Régio e administrador do concelho.

As familias pobres, que tem meninas com idade propria para serem fogaceiras, procuram com instantes pedidos, obter que estas sejam portadoras das fogações, na procissão.

Estes pedidos justificam-se porque o *ir de fogaceira*, representa uma fonte de receita em que se transformam as gratificações que recebem, quando vão entregar as fatias das fogações, que a municipalidade offerece ás pessoas mais gradas do concelho.

No dia 20 do mez de janeiro, ás 11 horas da manhã, a camara Municipal reúne, na sala das suas sessões, onde já estão as fogações que são entregues ás meninas que tiverem a boa sorte de ir na procissão.

D'ahi sahe um prestito assim organizado: As fogaceiras em fila, vão descendo as escadas dos Paços do Concelho, levando á cabeça a fogação; um pequeno castello de madeira representando o que sobranceiro á villa se levanta, é levado á cabeça por uma menina; a bandeira municipal, a cuja borla pega um individuo de elevada posição social, é seguida pelos vereadores que, a tiracolo ostentam as respectivas fachas.

Uma banda de musica acompanha este prestito até á igreja matriz e na procissão.

Na igreja ha a benção das fogações, missa cantada, sermão, seguindo-se a procissão que percorre parte das ruas da villa, indo no seu andor a imagem do martyr S. Sebastião.

Recollida na igreja a procissão, volta á sala das sessões o prestito, na mesma forma porque de lá sahiu.

E n'esta ficam as fogações até ao dia seguinte, em que são partidas em fatias, nas quaes é collocada uma tira de papel, segura por um pequeno alfinete n'ellas espetado.

N'essa tira está escripto o nome da pessoa a quem a municipalidade offerece a fatia das fogações.

Depois lá segue aquelle pequenino *exame* de fogaceiras, levando as fatias ao seu destino, vestidas como foram na procissão, voltando com o *mel*, colheita das offertas, que vae adoçar as agruras das suas pobres familias.

Os enfeites das fogaceiras são fornecidos, na maior parte, pelas familias abastadas do concelho, que assim concorrem para uma obra meritoria.





A festa das fogaceiras na villa da Feira

Consta que a imagem de S. Sebastião a que fiz referencia foi mandada fazer em Roma, por um dos condes da Feira. E' de bella escultura, e segundo a tradiçãõ, feita d'um tronco de oliveira, o que nos desperta a lembrança do seguinte, escripto nas *Noches Claras Divinas y Humanas Flóres*, por Manuel de Faria y Sosa: «Dize Plinio, y com el Theophrasto, que vinieron á fazer estas imagens de los troncos de algunos arbores de valor, y principalmente agenos de toda corrupcion, quales teniam que eran los cedros, cypresses y olivos, con otros muchos, de que afirman, que las labravam: y assi, con las dos naturalezas, y propiedades de semejantes plantas, de estima por el valor, de perpetuydade por lo incorruptible, abraçavam aquellos dos pensamientos, de que los simulacros de los Dioses avian de ser de materias blandas, en que de alguna suerte se figurasse el amor dellos y sin corrupcion, en que se advirtiesse y contemplasse la eternidad suya.»

José Pinto da Silva Ventura

A sardinha

A verdadeira patria da sardinha é o Atlantico, embora o seu nome pareça derivar-se de Sardenha, onde desde a antiguidade a industria da pesca e da salga do peixe estava muito desenvolvida. Encontra-se com effeito ainda hoje sardinha no Mediterraneo, onde ella se aclimou como o arenque no Baltico. Onde, porém, apparece com mais abundancia é na parte temperada do Atlantico do Norte desde a Europa aos Estados Unidos.

A sardinha pertence á familia dos *clupeos*, onde os naturalistas a collocam ao lado do savel, aliaz tão differente pelo tamanho e costumes, e não longe de outras especies das quaes a sardinha se approxima mais pelo seu modo de existencia, como o arenque, a enxova, etc., de que se faz um tão grande consumo. O arenque é um peixe do Norte, a sardinha e a enxova preferem aguas menos frias.

Estas diversas especies vivem em bandos mais ou menos numerosos; parecem passar a maior parte da sua existencia nas aguas mais profundas, e não chegar á superficie senão em certas épocas do anno.

Antigamente julgava-se que os seus bancos se deslocavam parallelamente ás costas, descendo para o sul, ou subindo para o norte, conforme a especie. Isto, porém, é uma perfeita illusão. A sardinha e o arenque veem do mar largo; sómente como os seus batalhões não chegam todos ao mesmo tempo mas uns após os outros, julgou-se que era o mesmo exercito que avançava sempre.

A sardinha é viva e desembaraçada nos seus movimentos. A agua sem margens e sem fundo é o seu elemento, e tudo n'ella indica o peixe do mar alto.

Como os outros *clupeos* as sardinhas são peixes de uma extrema sensibilidade. Qualquer coisa as mata. Basta tocarem n'uma rede ou perderem uma ou duas escamas para morrerem. Não resistem ao simples contacto com qualquer objecto, bem differentes d'outros peixes que teem a vida dura.

Chegada a todo o seu desenvolvimento a sardinha é mais pequena que o arenque; está então muito gorda e oleosa, e pesa 150 grammas pouco mais ou menos.

Esta sardinha não serve para conserva, mas só para salgar ou prensar.

E' o *pitchard* dos inglezes; chamam-lhe os pescadores sardinha de inverno, mas encontra-se ás vezes até ao fim de junho.

A sardinha de verão é muito mais pequena, mas as suas dimensões são variaveis, pesando em média de 12 a 15 grammas. Tem menos gordura e o seu gosto é mais delicado. E' com ella que se fazem as conservas que se espalham por todo o mundo. Chega em grandes bancos, menos numerosos todavia que os dos arenques, e approxima-se da costa, chegando em certos dias de sol claro a vir á superficie das aguas. Os pescadores dizem que ás vezes de noite a vêem saltar, mas só de dia é que pode ser pescada.

Por novembro esta sardinha desaparece tambem. Para onde? Ignora-se ainda hoje, bem como o destino que tem a sardinha de inverno.

A sardinha, como muitos outros peixes, sustenta-se do que encontra, mas sempre de presas muito pequenas. São ordinariamente crustaceos, embriões quasi microscopios de molluscos e de vermes, ou ainda vegetaes infinitamente pequeros, e de que as aguas do Oceano estão ás vezes cheias, a ponto de tomarem uma côr especial.

Eis o que até hoje se tem podido averiguar com certeza a respeito d'este peixe, que fórma a base da alimentaçãõ de tantos milhares de individuos, e que por isso tem uma alta importancia economica.

Um paginador, na occasião em que estava paginando um jornal, trunco a composiçãõ de um annuncio de cãõ que se tinha perdido, com a noticia do fallecimento de um commendador.

O resultado da troca foi o seguinte:

«Falleceu o commendador F. bom homem, tinha o focinho comprido, lombo preto e malhas brancas na cabeça, devendo ser sepultado hoje.

«Quem o achar e quizer entregar será gratificado e a terra lhe seja leve».



A festa das fogaceiras na villa da Feira

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

A mendicidade em Lisboa. Volta a falar-se na sua repressão. Variações sobre este velho thema. Demonstra-se que não basta a boa vontade para resolver um tão melindroso problema social. — A 3.ª exposição do ceramista Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro. O filho do glorioso Raphael Bordallo continua, a despeito de mil contrariedades, a grande obra de seu pae. As novidades da exposição: as terras-cottas polychromas. Outros modelos. Uma opinião que se perfilha. — A consagração de Sã da Bandeira na Sociedade de Geographia. O busto do marquez. — Uma notavel obra d'arte da senhora duqueza de Palmella.

Volta a falar-se no complexo e melindroso problema da mendicidade em Lisboa e na sua repressão, cada vez mais necessaria. Atribuem-se ao novo governador civil do districto as melhores intenções a este respeito como a respeito de todas as coisas uteis e necessarias, leio, como sempre, na imprensa — «que s. ex.ª está estudando o assumpto com o maior interesse».

Muito bem. Peço licença para me associar ao cõro de encomios que ali se faz ouvir em volta do illustre magistrado visto que s. ex.ª parece disposto a fazer alguma coisa de util em favor de nós todos, dos que verdadeiramente necessitam e dos que se sentem vexados e confrangidos pelo espectaculo vergonhoso que ali se patenteia a toda a hora e em toda a parte aos olhos de nacionaes e estrangeiros.

Mas, permita-me o sr. governador civil e mais pessoas que porventura se interessem pelo assumpto, que eu lhes pergunte: com que elementos contam para o bom exito do seu proposito?

A efficaz repressão da mendicidade só pode ser exercida, e é, n'aquelles paizes que tem devidamente montados os serviços de assistencia publica. E, forçoso é confessal-o, entre nós a assistencia publica, como o amor na cantiga popular... não nos assiste. Duas palavras vãs á sombra das quaes vão medrando alguns doutos conselheiros, alguns medicos, meia duzia de amanuenses, que produzem alguns relatorios que nunca ninguem viu, que nunca ninguem leu...

Agora, encarando o assumpto, o sr. governador civil, de certo, sente que, com toda a sua boa vontade, com toda a sua energia, é capaz de debellar o mal. Eu faço essa justiça á sua alma bem formada e ao seu recto espirito. Mas desconfio que quando chegar o



(Cliché de Marques Abreu).

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

momento de agir, s. ex.ª sentirá um profundissimo desanimo e a breve trecho perderá completamente a esperanza de levar a bom termo o seu louvavel proposito.

Reprimir a mendicidade! E' facil de dizer, é bello de pensar! Sem duvida! Mas...

... Mas em primeiro logar convem estabelecer uma moral e christã distincção. Não se pode reprimir *toda* a mendicidade, mas sim a falsa ou valida. E' do direito romano aquillo que elle tem... de menos torto.

Eu estou d'aqui a vêr uma multidão gritar-me: mas é exactamente isso que se vae fazer!

Perfeitamente! Magnificamente! Não falemos mais n'isso, visto



(Cliché de J. Benoit).

Exposição de ceramica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

que é isso que se vae fazer com o auxilio de uma policia que é o que todos nós sabemos.

Dou de barato, até, que a distincção está feita: que já temos, aqui, á direita, os desgraçados invalidos, impossibilitados de ganharem a negra codea que os ajude a arrastar a vida, e á esquerda os mariolões a quem é mais grata a vadiagem e a mandrice do que

Ora pois, 2 e 2 ainda são 4.

Chegou-me ha dias pelo correio uma das poucas boas coisas que



Exposição de ceramica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

Pratos de relevo (Diam. 0^m,27) — Gallo ingenuo — Gallo feroz — Golfinhos — Andorinhas — Pato e rã — Peru — Porco — Papagaio

o trabalho honrado. Ora muito bem. Tratemos agora de arrumar toda esta gente.

Tem a palavra a assistencia publica para dizer o que se lhe offerece sobre o primeiro grupo. A assistencia publica ergue-se, limpa os olhos, bebe um gole d'agua e começa por dizer que a caridade é a mais sublime das virtudes. (*Apoiados de toda a outra assistencia, mórmente do segundo grupo.*) A mendicidade — continúa a assistencia furando os ares com o indicador — é o maior cancro que roe o organismo social! (*Murmurios de approvação.*) Urge debelar esse terrivel mal! (*o sr. Alpoim: «Custe o que custar! doa a quem doer!»*) Por isso é necessario que todos se unam n'um esforço herculeo! (*apoiados geraes.*) Mas eu é que não sei o que lhes faça! Tenho dito.

O sr. Motta Prego, já muito desconcertado, diz que uma vez que a assistencia não pode acudir a metade do mal, appela para o Estado a fim de que dê as necessarias providencias no sentido de regenerar pelo trabalho os mariolões do segundo grupo.

O chefe do governo pisca o olho ao sr. ministro das obras publicas como quem diz: despache-me esse freguez depressinha.

O sr. ministro das obras publicas levanta-se e diz: Meus senhores, já o poeta dizia que o trabalho é riqueza, é virtude, é vigor. Eu abundo na opinião do poeta. (*Apoiados na direita; murmurios na esquerda.*) Entendo que todos devemos trabalhar, podendo. Que esses patifes que ahí estão devem trabalhar, mais que ninguem, de sol a sol. E entendo mais que pelo meu ministerio lhes deve ser dado trabalho. Mas depois d'estes tres deveres, devo ainda acrescentar um outro, isto é, devo dizer, que estou prompto a dar trabalho a toda essa gente mas que não estou prompto a pagar, por não ter recursos, ficando, portanto, a dever. E' este o ultimo dever, que cumpro o dever de declarar.

Encerrada a sessão por não haver outra volta a dar-lhe, o sr. Motta Prego dirá aos interessados:

— Bem, vão vossemecês á sua vida...

E elles todos, validos e invalidos, irão outra vez á sua vida — que é viver da vida dos outros.

o correio me traz durante o anno: o sempre amigavel convite de Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro para visitar a terceira exposição dos seus trabalhos de ceramista.

Prendem-me a Manoel Gustavo laços muito estreitos de uma velha amisadé que eu sinto intensificar-se mais e mais, á medida que vou vendo, com desvanecimento, este bravo rapaz a despeito de tudo e atravez de todos os revezes, continuar illustre e laboriosissimamente a obra collossal do pae, o mais potente temperamento artistico portuguez do seculo findo, a cujas prodigiosas faculdades de generalisação nós devemos tantas e tão grandes obras d'arte.

Acabo agora mesmo de ler as poucas, precisas e serenas palavras com que elle abre o catalogo da sua exposição. E' simples, é doloroso, é commovente o que li e n'isto se resume: apoz a perda irreparavel do Bordallo, o Estado elimina a verba com que subsidiava a fabrica das Caldas como escola profissional; a sordidez de um particular intima ao filho do grande artista mandado de despejo e aposa-se das formas e modelos de Raphael e ainda do proprio mobiliario da fabrica. Manuel Gustavo appela para os tribunaes, que lhe fizerem justiça ordenando a entrega do que de direito lhe pertencia; e ao passo que o pleito seguia seus tramites, o artista errava por officinas emprestadas, trabalhando sempre,

incessantemente, até que poudo, com os seus fracos recursos, erguer casa propria, que foi thesouro para recolher o espolio sagrado do pae, que fez templo para continuar com devoção o culto d'essa arte a que o genio de Raphael imprimira em tão novos aspectos o cunho da sua inconfundivel phantasia, todo o poder da sua maravilhosa concepção artistica.

Assim diz o herdeiro do mais glorioso dos Boddallos, concisamente, sem uma palavra de amargura, de desanimo, antes com a nobilissima altivez dos que na adversidade encontram novos estímulos, o galvanismo das proprias energias. E termina por dizer que assim justifica o pouco que fez em tão agitado e doloroso período — os trabalhos que constituem a actual exposição.

Ora esse pouco é, simplesmente... muito. Pouco é, effectivamente, em quantidade,



Exposição de ceramica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

Vaso romano, friso cavallos (alt. 0^m,94)

Cachepot montado em metal (alt. 0^m,32)

Pote para agua (alt. 0^m,53)

mas é muito, muitíssimo mesmo, em qualidade. Manoel Gustavo não se limita a apresentar-nos antigos modelos mais ou menos modificados, a que a sua phantasia galante tivesse arranjado uns motivos decorativos, ou variantes de conhecidas peças. A exposição d'este anno representa um avanço enorme não só no processo ou maneira do filho de Raphael como também, e muito principalmente



Exposição de cerâmica
de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro
Tubo com caracoes (alt. 0^m,30)

uma criação artística. Refiro-me a essa maravilha que é o embutido em barros, de que são admiráveis specimens as peças no catalogo designadas sob a rubrica «terras-cottas polychromas», de esplendido effeito decorativo, outras, vidradas, muito bellas, também, comquanto o vidrado prejudique um pouco a coloração das argilas das intersiaturas.

Dos onze exemplares expostos — e todos elles são lindos — destacam dois, um pote e um boião, aquelle com um medalhão de pombos, este com um gallo, que são duas maravilhas. D'essas duas obras d'arte eu não poderia dizer mais do que disse com commovida admiração o sr. José Queiroz, que no assumpto tem especialissima auctoridade: que faz bem á alma mirar essas duas peças que honram o artista que as concebeu e a officina que as produziu. De facto não se pode exigir mais em delicadesa de decorativo e de noção da côr. Simplesmente soberbo.

Alguns episodios da lenda do thaumaturgo portuguez deram a Manoel Gustavo assumpto para tres peças magnificas. O grupo do *milagre da bilha* avulta pela bella concepção, pelo lançamento das figuras, pela expressão dos rostos, pela perfeição dos vivissimos detalhes. As outras duas, placas em terra-cotta, representando Santo Antonio salvando o pae e fallando aos peixes, são ricas de movimento e delicadissimas de execução.

Muitos outros exemplares figuram na exposição; não me consente, porem, a escassez do espaço referir-me a cada um de per si, e todos elles o mereciam. Mas seria indesculpavel falta não deixar aqui consignada a superior impressão de agrado que causam o vaso romano com um friso de cavallos, o potiche carranca Renascença, os lindos pratos em relevo e as diversas jarras.

... A sahida os nossos olhos dão com a tela de Columbano, retrato do grande morto, Raphael Bordallo, do alto, parece contemplar com infinita ternura esta netinha querida, que é a e splendida obra do seu querido filho...

Realizou-se na noite de 21 e na grande sala Portugal da Sociedade de Geographia de Lisboa a annunciada consagração do marquez de Sá da Bandeira, com assistencia do chefe do Estado.

Na sessão, que revestiu o caracter de uma verdadeira apothese, discursaram brilhantemente o sr. Consiglieri Pedroso, o sr. Almeida d'Eça, que fez o elogio historico do bravo general e honrado estadista (um verdadeiro primor, este discurso) e El-Rei, que encerrou a sessão com nobilissimas palavras para a memoria do marquez e para a benemerita agremiação onde se encontrava.

O sr. D. Manuel inaugurou, n'essa occasião, o busto do marquez de Sá, cinzelado e offerecido á Sociedade de Geographia pela senhora duqueza de Palmella.

Eu tive a felicidade de o admirar de perto. A illustre discipula do grande Anatole Calmels é, como se sabe, uma fanatica pela estatuaria, dedicando-lhe as poucas horas que lhe sobram da sua laboriosa vida, raro exemplo das mais acrisoladas virtudes. No *atelier* do seu sumptuoso palacio do Rato, d'onde tantas obras primas teem sahido, trabalhou a senhora duqueza o busto do heroico soldado, feito de memoria. Foi ahí, n'esse ambiente d'arte, onde a sua alma sedenta do bello se retempera para a lide incessante de uma vida quasi exclusivamente dedicada ao bem-fazer, que a senhora duqueza revirou no marmore a energica mascara do intrépido general pelos mais rigorosos e simples processos da bella arte de que é primorissima cultora, animando-a de uma expressão singular, que impressiona, e reside na energia e profundidade do olhar e n'um mixto de ironia e desdem, que erra na bocca, esplendidamente tocada.

O lindissimo marmore que a senhora duqueza offereceu á Sociedade de Geographia, offerta que muito deve orgulhar aquella benemerita agremiação, bastaria a firmar solidamente os creditos de grande artista de que a nobre senhora tão justamente gosa, se elles não estivessem ha muito estabelecidos por outros trabalhos admiráveis, que são outros tantos titulos de gloria para a duas vezes illustre artista, e de justificado desvanecimento por esta terra que se orgulha de um tão raro, tão nobre e tão gentil espirito de mulher.

Camara Lima.

À Virgem

No seu throno de estrellas matizado,
Sobre uma lêve nuvem côr de rosa,
Vê-se a Virgem Maria, piedosa,
Velando pelo mundo desgraçado.

Quando ás vezes me vejo perturbado
Por qualquer tentação mais dolorosa,
Chamo por Ella — doce Mãe bondosa! —
E de novo me sinto confortado.

Ah! se as ruins paixões aborrecesse,
E me sorrisse sempre lêda sorte,
E fosse a minha fé fortalecida!

Se nos teus braços, Mãe, adormecesse
No somno eterno... ó preciosa morte
Serias realmente amor e vida!...

João Osorio.

Livros de pintura de pennejado que estão na Torre do Tombo

O livro, chamado da Armaria, o qual contém os escudos da linhagem da nobreza d'estes reinos de Portugal, todos mui bem illuminados por Antonio Godinho, escrivão da camara.

O codice do Mestre das Sentenças, que tem boas illuminuras, feitas por mestre Jacob, italiano, pintor d'el-rei D. João II, no anno de 1494.

O mappa-mundo todo illuminado com primorosas côres, tendo no frontespicio as armas da familia dos Costas, feito por Fernão Vaz Dourado, na cidade de Goa, no anno de 1571. O arcebispo d'Evora, o sr. D. Theotónio de Bragança, fez doação d'este mappa ao mosteiro de Scala Coeli, de monges da ordem de S. Bruno da referida cidade.

O livro de reza do infante D. Duarte, depois rei, 1.º do nome, feito no seculo xv, que é todo illuminado, com figurinhas e arabescos, no estylo da escola Senense.

O livro dos evangelhos, que servia na mesa do conselho geral do santo officio da inquisição de Lisboa, ordenado por mandado do bispo D. Pedro de Castilho, inquisidor geral, e feito no anno de 1608, o qual é ornado de bellas illuminuras.

Os livros chamados da Leitura Nova, in-fol. grande, que são 40, e teem nos frontespicios optimas illuminuras,

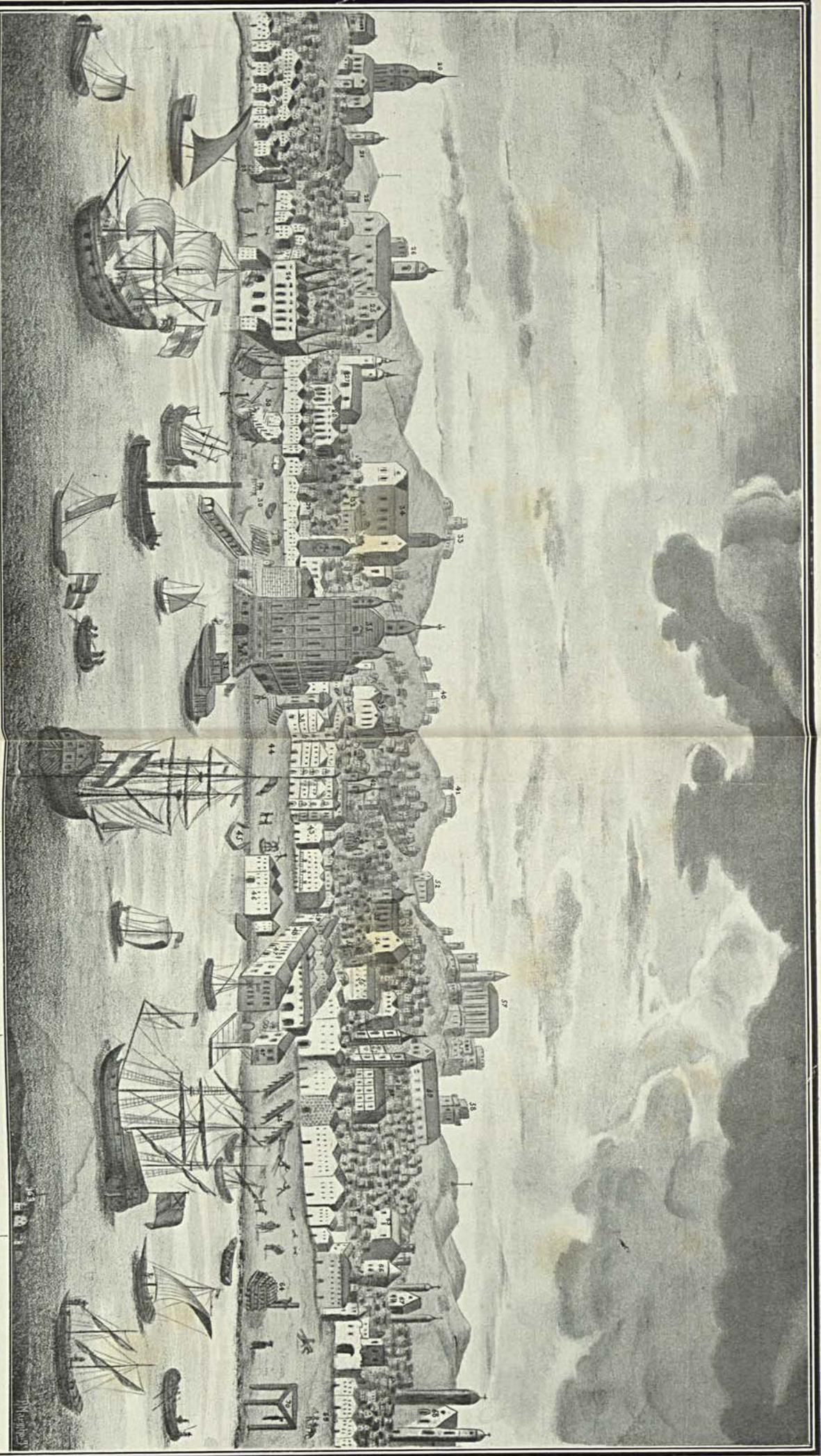


Exposição de cerâmica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

Suspensão de carranca — (alt. 0^m,18)

Prato de relevo, gallo ingenuo

Prato de relevo, papagaio



- 1 Part of S. Laurent
- 2 ——— S. John
- 3 Belém Castle.
- 4 ——— Convent
- 5 Regal Palace and garden of Belém
- 6 ——— Convent
- 7 Church of S. Martin
- 8 ——— Convent
- 9 ——— Convent
- 10 ——— Convent
- 11 ——— Convent
- 12 Convent of Bysentina.

- 13 The Church of Oura.
- 14 The West
- 15 German Convent, called S. John of Agnes
- 16 S. Catherine Church
- 17 S. Paul Church
- 18 ——— Church
- 19 Convent of the Convent
- 20 ——— Convent
- 21 ——— Convent
- 22 ——— Convent
- 23 The Palace of the Prince Regal.

- 24 Church of S. August
- 25 ——— Convent of S. Francis
- 26 ——— Convent
- 27 ——— Convent
- 28 ——— Convent
- 29 ——— Convent
- 30 ——— Convent
- 31 ——— Convent
- 32 ——— Convent
- 33 ——— Convent
- 34 ——— Convent
- 35 ——— Convent
- 36 ——— Convent

LISBON
IN
1650

- 37 ——— Convent
- 38 ——— Convent
- 39 ——— Convent
- 40 ——— Convent
- 41 ——— Convent
- 42 ——— Convent
- 43 ——— Convent
- 44 ——— Convent
- 45 ——— Convent
- 46 ——— Convent
- 47 ——— Convent
- 48 ——— Convent

- 49 ——— Convent
- 50 ——— Convent
- 51 ——— Convent
- 52 ——— Convent
- 53 ——— Convent
- 54 ——— Convent
- 55 ——— Convent
- 56 ——— Convent
- 57 ——— Convent
- 58 ——— Convent
- 59 ——— Convent
- 60 ——— Convent

- 61 The Cathedral
- 62 ——— Convent
- 63 ——— Convent
- 64 ——— Convent
- 65 ——— Convent
- 66 ——— Convent
- 67 ——— Convent
- 68 ——— Convent
- 69 ——— Convent
- 70 ——— Convent
- 71 ——— Convent

Lisboa em 1650 (reprodução d'uma gravura do tempo)

feitas no reinado d'el-rei D. Manuel. A biblia, vulgarmente chamada de Belem, por ter sido dos monges da ordem de S. Jeronymo, da qual el-rei D. Manuel lhes havia feito doação em seu testamento, no anno de 1517. Consta de 7 tomos *in-fol.*, contendo delicadissimos quadros, vinhetas e diferentes arabescos, com côres vivas e singulares, em fundo de ouro e azul celeste, illuminados por mestre

A festa do Coração de Jesus



El-Rei encaminhando-se para a igreja da Estrella

Vicente e Floren, como declara o sétimo tomo no seu frontespicio.

O livro chamado de Duarte de Armas, creado e debuxador d'el-rei D. Manuel, onde se observam em desenho, a traço solto, em perfil, varias plantas de cidades, villas e praças de Portugal, e as barras das cidades de Azamor, de Salé e de Larache.

E outros mais neste genero.

Politica internacional

INTERROMPEMOS hoje a nossa revista da situação interna e externa das principais potencias europeias, — já nos occupámos da Hespanha, da França e da Allemanha — faltando-nos tratar da Inglaterra, da Italia, da Russia e da Austria, e ainda da Turquia, o que faremos nos proximos numeros.

A razão d'esta interrupção justifica-se pela importancia de alguns factos occorridos na politica internacional, que não podiam passar-se em silencio, nem tão pouco só mais tarde serem apreciados, perdendo toda a oportunidade as considerações que sobre elles tivessemos de fazer.

Os factos a que nos referimos, e que, como o leitor verá mantem entre si estreita relação, são a reabertura da questão de Creta, a entrevista dos imperadores da Allemanha e da Russia, e o agravamento da situação politica na Persia.

Qualquer d'estas questões, sem ser por ora alarmante, principia a preoccupar as chancellarias, como possivel elemento de perturbação da paz europea.

Comecemos pela primeira.

A questão de Creta que ha tempo tem estado latente, sem de facto se encontrar resolvida, ameaça de novo passar ao estado agudo. E' sabido como por occasião da proclamação da independencia da Bulgaria e da annexação da Bosnia e da Herzegovina, se repercutiu na ilha esta alteração do *statu-quo* no imperio turco. Chegou-se a proclamar a annexação á Grecia, a qual, porém, muito avisadamente se absteve de tomar parte ostensiva no movimento. Pouco a pouco por isso a deliberação, tomada no primeiro momento de exaltação pelos patriotas de Canea, foi caindo em esquecimento e as coisas continuaram pouco mais ou menos como anteriormente.

Mas agora, estando a expirar o prazo da occupação da ilha pelas tropas internacionaes, e havendo declarado as quatro potencias protectoras de Creta — a França, a Russia, a Inglaterra e a Italia — que não prorrogariam este prazo, reaparece a pretensão dos cretenses de se unirem á Grecia, e o governo hellenico, embora ainda continue a conservar uma posição correcta para com a Turquia, está no entretanto trabalhando diplomaticamente para que a questão seja resolvida em seu favor.

O peor é que a Turquia se mostra intransigente e declara oficialmente estar prompta a recorrer a todos os meios e a sujeitar-se a

todos os sacrificios, antes que consentir em ser amputada de mais esta provincia, o que acabaria por desacreditar o novo regimen aos olhos das diferentes populações do imperio, que jámais lhe perdoariam semelhante fraqueza.

Por este lado, pois, a situação está claramente definida sem probabilidade de alteração, visto que no momento actual a separação de Creta é para a nova Turquia constitucional uma questão de vida ou de morte.

Mas quem suggeriu aos cretenses novamente esta impaciencia pela annexação á Grecia, e quem está instigando e animando o governo hellenico a esposar abertamente a causa d'aquelles insulares? Facil é sabel-o e nem se torna preciso adivinhal-o, visto que corre publica a noticia de que a Austria e a Allemanha estão n'esta questão ao lado da Grecia, animando-a a sair a campo. Com que fim? Com o mesmo que tiveram ao escolher a oportunidade para provocar a proclamação da independencia bulgara e para realizar a annexação das duas provincias servias. O fim dos dois alliados é desacreditarem os jovens turcos, cuja revolução tanto prejudicou os interesses allemães, promovendo á Turquia constitucional todas as difficuldades e prepararem por conseguinte o advento de uma restauração hamidiana.

Vencedora na campanha da Bosnia e da Herzegovina, e tendo reconhecido a fraqueza do «triplice accordo», que teve de ceder vergonhosamente, não se contentam com o exito obtido, tão ruidosamente festejado ha pouco em Vienna. Querem tirar, segundo as regras da boa tactica, todas as consequencias da victoria, e por isso provocam a questão de Creta, seguras de que ainda esta vez a França, a Inglaterra e a Russia serão levadas de vencida, e que não poderão salvar o imperio ottomano da sorte que o espera. E', como se vê, mais um episodio da luta entre a «triplice alliança» e o «triplice accordo», ou antes da luta entre a Inglaterra e a Allemanha, que constitue a questão dominante em torno da qual veem aggrupar-se todos os acontecimentos da politica internacional na hora presente. Até que se chegue ao momento da luta suprema entre os dois colossos, teremos de assistir a todos estes variados episodios, que são apenas movimentos secundarios para preparar o taboleiro onde a grande partida tem de jogar-se. E comprehende-se o cuidado com que estas operações estrategicas preambulares se estão de parte a parte pondo em pratica, se se attender a que o vencedor terá como premio por muito tempo a dominação do mundo...

A segunda questão, a que nos referimos no principio d'este artigo, é a suscitada pela entrevista dos dois imperadores, que acaba de ter lugar nas aguas da Finlandia. Parecia que, depois da accidentada campanha diplomatica a proposito da annexação da Bosnia, em que á ultima hora a Russia entregou todas as posições, sem sequer ter consultado os seus alliados, dizendo-se que assim havia procedido em virtude de um verdadeiro *ultimatum* da Allemanha, parecia, repetimos, estar fóra de todas as probabilidades uma proxima entrevista entre Guilherme II e Nicolau II. E no entretanto essa entrevista realizou-se. Porque? E por iniciativa de quem? Não é facil apurar sobretudo este ultimo ponto, dada a divergencia que sobre elle se manifesta na imprensa allemã e russa. Os jornaes de Berlim, com effeito, sustentam que a iniciativa partiu do Tsar; os jornaes russos pelo contrario declaram que a iniciativa foi do Kaiser. Qual das duas impressas fallará a verdade? E' possivel que ambas. Pode



A festa do Coração de Jesus

El-Rei e o senhor D. Affonso sahindo do templo

(Olléus de J. Benolle).

muito bem Nicolau II ter dado *officialmente* o primeiro passo, que no entretanto lhe fosse suggerido particularmente por Guilherme II. Assim para o publico teria sido a Russia a pedir a entrevista. Realmente haveria sido a Allemanha quem a preparou. A Russia cedendo mais uma vez sujeitou-se a nova humilhação. Não é provavel, depois do que se passou e na perspectiva do que vai passar-se con-

ira os interesses slavos, que o governo de S. Petersburgo desse o primeiro passo. O mais provavel é que a Allemanha quizesse atenuar um pouco o effeito da recente campanha diplomatica, em que tão abertamente tomou posição contra a Russia. Por muito fraco militarmente que n'este momento esteja o imperio moscovita, é sempre uma força de primeira ordem, que não deve ser agradável para a Allemanha ter em aberta hostilidade na sua fronteira de leste. E depois Guilherme II ainda não perdeu a ideia de desligar a grande nação do norte do «tríplice accordo», que, dadas determinadas circumstancias, pôde muito bem converter-se n'uma nova triplíce aliança.

N'este momento mesmo, e parallelamente com a entrevista agora realisada, está-se ferindo em S. Petersburgo uma acalorada batalha entre reaccionarios e constitucionaes com o fim de separarem a Russia da *entente* com a Inglaterra, representando-se o accordo com esta ultima nação como prejudicial aos interesses do imperio. O proprio presidente do governo, Stolypin, parece ter sido obrigado para manter a sua posição a pactuar com a conjura, e o mais inquietador symptoma d'este reviramento está na attitude reservada, para não dizer enigmatica, da parte da imprensa que, como o *Novoe Vremia*, era até agora o mais firme sustentaculo da amizade com a Inglaterra e contra a influencia da Allemanha e do germanismo. Por este facto pôde bem avaliar-se o perigo que corre o triplíce accordo, e como são reaes e fundados em boas esperanças os esforços de Guilherme II para desligar a Russia das suas actuaes amizades. Conseguiu-o-ha? Isso é outra questão. Foi assim pouco mais ou menos que elle procedeu para separar a França da Inglaterra e acabar com a *entente cordiale*. Então não o conseguiu. Será mais feliz agora? E' o que resta ver. Em todo o caso não soffre duvida alguma que a actual entrevista dos dois imperadores, pedida ou pelo menos preparada pela Allemanha, se prende com esta orientação da diplomacia alemã, que de mais a mais, animada pelas ultimas victorias, ha de querer aproveitar a oportunidade para alcançar os fins por que ha tanto tempo trabalha.

A terceira questão que n'este momento está preocupando as chancellarias, e que principia a produzir uma certa inquietação em Inglaterra e na França, é a que se relaciona com a actual situação da Persia. Conforme se sabe, o accordo anglo-russo tem até agora permitido ás duas nações presencarem com relativa tranquillidade os diversos incidentes da revolução persã. Assim durante muitos mezes, fiéis ao principio da não intervenção, a que se haviam obrigado, a Inglaterra e a Russia assistiram como espectadores impassiveis á lucta entre o Shah e os constitucionaes que, principalmente em Tabriz, foi successivamente assumindo caracter cada vez mais grave a ponto de, por commum accordo, irem tropas russas occupar esta cidade para se evitar um morticínio da população inerme e sobretudo dos estrangeiros ali residentes.

Aqui, porém, principia o *crucial test* do accordo dos dois governos. A situação entre o Shah e os constitucionaes, que no principio pareceu melhorar, chegando Mohammed Ali a prometter o restabelecimento puro e simples da constituição abolida e a convocação de *Mejliss*, aggravou-se de novo. Isto significa que o exercito russo da occupação, que devia retirar-se, apenas Tabriz voltasse á sua vida normal, vae continuando a estar na cidade, sendo mesmo possível que tenha de estender a area da actual occupação, se n'outros pontos novas desordens se manifestarem. Parte da imprensa russa já começa a falar vagamente em occupação permanente ou pelo menos demorada. Indica-se mesmo, nas entrelinhas, a Persia como a indispensavel e opportuna compensação ao que se perdeu no Extremo Oriente. A Allemanha é favoravel a estas vistas, pois com a occupação russa de parte da Persia lucraria indispor a Russia com a Inglaterra, e distrair a politica moscovita, com novas preocupações na Asia Central, dos assumptos balkanicos, que novamente ficariam sob a exclusiva influencia austro-alemã.

Não ha aqui elementos de sobra para um serio conflicto internacional?

CONSIGLIERI PEDRORO.

MADRIGAES

Li-vos hontem, Senhora, os madrigaes
que a minha alma para vós enflora,
versos subtis, serenos como a aurora
e mansos como o aroma dos rosaes.

São risos de ouro que não voltam mais
alegres como um lar aonde móra
aquella Paz divina e seductora
que aquece e doira ás tardes os pombaes.

Não ha nelles, Senhora, o pranto amargo
porque tristezas, se eu acaso as tenho,
são nuvens brancas no céu vasto e largo,

nuvens que passam e que vão levadas,
como vac, vêde além, aquelle rebanho
atravéz de azinhagas perfumadas.

Lisboa.

Mario Salgueiro.

Frederico Carlos Ferreira Franco

Em casa da senhora condessa de Carnide succumbiu a uma pneumonia grippal, na idade de 81 annos, e depois de alguns dias de soffrimento, o sr. Frederico Franco, abastado proprietario da Beira Baixa onde era muito estimado e querido pela inteireza do seu caracter.

Avisado por telegramma, partiu de Biarritz para Lisboa seu filho, o sr. conselheiro João Franco, que poude apenas abraçar o cadaver



Frederico Carlos Ferreira Franco

† em 28-6-90

de seu pae, que no dia seguinte foi acompanhado ao cemiterio do Alto de S. João por centenas de pessoas, pertencentes a todas as classes sociaes e a quasi todos os grupos politicos.

Nesse vasto e funebre cortejo fez-se representar o governo pelo presidente do conselho e pelo ministro da justiça. Associaram-se á dôr do filho enlutado, enviando-lhe pezames sentidos, el-rei e sua augusta familia.

A situação especial do sr. conselheiro João Franco que, depois



O coche funerar

de um longo e voluntario exilio, volta expressamente á sua patria para se despedir do cadaver de seu pae, de quem fôra sempre filho amantissimo, não podia deixar de produzir em todo o paiz a mais profunda e consternada sensação.

Porisso se associaram á sua dôr todos os que teem coração para sentir, e n'essa piedosa manifestação toma parte sincera o Brasil-Portugal.

Annita e Herminio da Silveira

Duas encantadoras creanças marcadas pelo destino que dá a ambas o mesmo talento, o mesmo coração, e a mesma sorte. Morreram na flor da idade, como se Deus, cioso da terra que as abrigava, e d'aquelles que mais lhes queriam, as chamasse para si, para viverem ao seu lado a eternidade. Herminio deixou um livro precioso, singellamente intitulado *Recordações*. E' o escriptorio de ouro, o cofre bendito que encerra as mais bellas jóias da alma, os mais doces affectos de um coração de



Annita da Silveira

vinte annos. E' o livro de um crente e de um artista, de um rapaz cheio de vida e de aspirações, fulminado pela morte em plena florescencia de talento e de bondade.

De sua irmã Annita, um pouco mais nova do que elle, tambem um volume vae apparecer. E' que essa encantadora creança, artista tambem, *musicienne* adoravel, confiou ao papel os sentimentos intimos, os nobres pensamentos, e n'esse espelho deixou impressa a mais bella feição de uma intelligencia apurada e de um caracter finissimo. São essas paginas dispersas que as mãos piedosas, e o



Herminio da Silveira

coração enlutado e saudoso de sua mãe reúnem n'este momento, para com ellas formar um voluminho que será ao mesmo tempo um lindo ramo de flores d'onde se evolará o perfume casto de uma bella alma, a alma, que para ella viverá sempre, da sua querida morta... As duas sepulturas amadas rega-as de lagrimas a sempre desolada mãe. Que a leitura das paginas d'esses dois livros, dos quaes hoje

reproduzimos alguns trechos, faça brotar dos corações bem formados uma flor de sympathy por aquella que soffre e por essas nobres mocidades extinctas, e terão preenchido o seu fim os dois livrinhos, em que Herminio e Annita da Silveira encerraram todos os segredos do coração e todas as jóias do espirito.

Fensamentos

No poder do ouro, na ostentação da riqueza, tem o homem sempre preso o pensamento. Aquilata o valor moral de cada um pelos bens de fortuna que possui. No mundo é tudo tão ephemero que a riqueza devia ser considerada como um meio de sermos uteis uns aos outros, e não como o desejo de supplantar ou vencer os menos ricos.

§§

Se, quando morremos, deixamos no mundo alguém que chore a nossa ausencia e continue a amar-nos a despeito da morte, podemos continuar a viver entre os vivos, pelo culto prestado ao nosso espirito. Feliz aquelle que pode viver, depois de morto!

§§

Lentamente desaparece o dia, e lentamente apparece a noite. Assim do nosso espirito desaparece o bem, e d'elle se apossa a ideia do mal. Mais duvidas combatemos nós com a luz do nosso espirito, do que com a espada combatiam os guerreiros antigos os inimigos da sua patria. E, se a nossa alma é feita de crença e de Fé, conseguimos sempre vencer a duvida.

§§

Imaginamos o nosso porvir radioso de ventura, de gloria e de amor. Mas, ai! quantas vezes a desillusão nos traz a cruel certeza de que o nosso sonho é apenas um desejo irrealisavel!...

§§

Mesmo que o nosso coração sinta desejos de confiar em alguém que nos comprehenda, não o devemos fazer. Como a serpente do Paraizo, a inveja espregue sempre o momento favoravel para implantar o seu veneno no coração humano.

9 de setembro de 1905.

(Aos vinte annos).

HERMINIO DA SILVEIRA.

MORTA!

(A minha mãe)

Foi n'uma tarde de primavera. O sol escondia-se lentamente no horizonte. Pelo campo, ranchos de trabalhadores passavam, recolhendo a casa. Na pequena aldeia, o sino tocava ás Ave-Marias.

.....
Maria, a pequena Maria, desaparecia na febre intensa que a devorava... Junto de seu leito, orava a pobre Mãe, erguendo de quando em quando os seus olhos mortificados para aquelle delicado ser, sua unica felicidade...

N'um esforço supremo, Maria sentou-se e disse, já delirando: «Mamá! Mamá! Ah! minha Mamá!» Não ponde articular mais uma palavra... O seu corpo cahiu inerte nos braços da Mãe, e a linda cabecita loira pendeu rapidamente...

A Mãe olhou-a desvairada, louca de dôr e desespero... Agarrou-lhe as mãos... Estavam frias... N'um grito terrivel exclamou: «Morta!...»

.....
Ao longe, uma voz plangente cantava... Na Igreja o sino tocava, chamando os fieis ao templo, para festejar o mez de Maria!...

15 de dezembro de 1905.

(Aos 15 annos).

ANNITA DA SILVEIRA.

Livros

A excessiva abundancia de original obriga-nos a reservar para o numero seguinte o artigo, já escripto, sobre os muitos livros que temos ultimamente recebido.

Que os auctores e editores nos desculpem a involuntaria demora.